

MÍDIA E SEXUALIDADE: A NORMALIZAÇÃO DAS PRÁTICAS SEXUAIS CONTEMPORÂNEAS

Paulo Roberto de Carvalho
Ana Paula Maluf

Introdução

No conjunto da produção teórica de Michel Foucault, a temática da sexualidade comparece de modo recorrente, em diferentes momentos. O sexo e suas múltiplas implicações são colocados em questão seja na série de entrevistas e debates publicados, seja na produção continuada que resultou na obra “História da Sexualidade”, um esforço no sentido de compreender o tratamento dado à questão em diferentes épocas.

Seus estudos resultam em uma abordagem histórica que coloca em evidência os modos pelos quais a sexualidade é vivida, mas também os regimes discursivos que cada época e cada cultura analisada produziram sobre o sexo. Ao analisar documentos gregos e romanos, o autor dá visibilidade a um extenso conjunto de regras de vigência variável para o uso dos prazeres. Tal investigação, no entanto, tem um objetivo delimitado: reunir subsídios para compreender a sexualidade contemporânea assim como os modos pelos quais ela se vincula ao contexto social.

A ideia de que a sexualidade é alvo de uma normalização que a inscreve na ordem social vigente resulta deste olhar voltado para o antigo assim como para a atualidade. Pode-se considerar, então, que a normalização corresponde ao delineamento daquilo que é considerado aceitável e não aceitável do ponto de vista dos ordenamentos sociais. Como resultado dessas observações, Foucault assinala a existência de uma normalização ao mesmo tempo em que assume o posicionamento político de recusa da mesma, nas suas diferentes configurações. “Creio que uma abordagem interessante seria fazer com que o prazer da relação sexual escape do campo normativo da sexualidade e de suas categorias, e por isso mesmo, fazer do prazer o ponto de cristalização de uma nova cultura” (Foucault, 2004, p. 123).

Merece atenção a constatação de que a normalização da sexualidade não coincide necessariamente com a repressão sexual. Pelo contrário, trata-se de um processo que comporta alguma complexidade uma vez que reúne procedimentos aparentemente contraditórios que proíbem o sexo em alguns casos sancionando-o em outros, sempre de

acordo com a manutenção de um ordenamento social. Ganha relevância, neste contexto, as relações que se estabelecem entre sexualidade e poder, este outro objeto de uma investigação extensa por Foucault. Sexualidade e poder como temáticas que se conectam por múltiplas vias nas sociedades atuais sem necessariamente redundar na repressão sexual que, para Foucault, já não é mais um procedimento dominante.

E depois, a partir dos anos sessenta, percebeu-se que esse poder tão rígido não era assim tão indispensável quanto se acreditava, que as sociedades industriais podiam se contentar com um poder muito mais tênue sobre o corpo. Descobriu-se, desde então, que os controles da sexualidade podiam se atenuar e tomar outras formas... Resta estudar de corpo necessita a sociedade atual... (Foucault, 1996, p. 148).

Chega-se, assim, à constatação de que na contemporaneidade capitalística os modos de exercício de poder perdem visibilidade à medida que se distanciam da repressão. Como, então, poderia ser caracterizado o poder normalizador sobre a sexualidade? Que efeitos ele imprime sobre ela? Michel Foucault responde parcialmente estas questões:

Pois se o poder só tivesse a função de reprimir, se agisse apenas por meio da censura, da exclusão, do impedimento, do recalcamento, à maneira de um grande super-ego, se apenas se exercesse de modo negativo, ele seria muito frágil. Se ele é forte, é porque produz efeitos positivos à nível do desejo – como se começa a conhecer – e também a nível do saber. (Foucault, 1996, p. 148).

Não há dúvida que a sugestão de Foucault é instigante e pode se desdobrar em diferentes direções: conhecer qual corpo as sociedades solicitam é uma proposta que traz implícita a questão de saber qual sexualidade se inscreve neste corpo, tido como adequado do ponto de vista do poder. Pode-se acrescentar ainda outro objetivo: conhecer as efetuações do poder dirigidas para a produção deste corpo sexuado. O mais interessante, no entanto, é que na obra de Foucault já encontramos algumas direções possíveis, algumas respostas parciais a estes questionamentos.

Reunimos evidências de que está em curso uma normalização flexível da sexualidade. Mas, como caracterizá-la? Talvez seja possível, preliminarmente, assinalar que ela comporta uma inversão aparente em relação às antigas práticas repressivas. Isto porque ela estimula, incita diferentes práticas relativas à sexualidade.

Como é que o poder responde? Através de uma exploração econômica (e talvez ideológica) da erotização, desde os produtos para bronzear até os filmes pornográficos... Como resposta à revolta do corpo, encontramos um novo investimento que não tem mais a forma de controle repressão, mas de controle estimulação: Fique nú... mas seja magro, bonito e bronzeado! (Foucault, 1996, p. 147).

Torna-se possível, com essas colocações, identificar uma das vertentes mais efetivas da normalização flexível incidente sobre a sexualidade nos dias de hoje. Ela oferece padrões e parâmetros referentes às práticas sexuais, sancionando-as e mesmo incitando-as. Isto se dá por diferentes vias. Foucault assinala como agentes desse processo a publicidade, no mais das vezes veiculada nos meios de comunicação de massa e na qual as mensagens de conteúdo erótico se fazem presentes. A incitação ao sexo, no entanto, não esgota os procedimentos de normalização.

De modo concomitante, as sociedades ocidentais assistem à ascensão de um discurso científico sobre a sexualidade veiculado, em princípio, por categorias profissionais da área de saúde tais como médicos e psicólogos. A disseminação deste tipo de discurso foi tão rápida e efetiva que, para Foucault, ela chegou mesmo a surpreender. “Creio que a cultura ocidental foi surpreendida por uma espécie de desenvolvimento, de hiper-desenvolvimento do discurso da sexualidade, da teoria da sexualidade, da ciência sobre a sexualidade, do saber sobre a sexualidade” (Foucault, 2004, p. 58). Foucault destaca, nesse processo, que a adoção de um padrão discursivo sobre a sexualidade é, em realidade, parte de um conjunto mais amplo de políticas do corpo que se torna objeto de uma atenção crescente ao longo de todo o século XX. Em termos gerais, o corpo sexuado torna-se alvo dos poderes ao mesmo tempo em que se estruturam os saberes e as práticas normalizadoras derivadas dos mesmos.

A difusão de um discurso técnico-científico sobre o sexo amplia o horizonte dos procedimentos da normalização flexível da sexualidade. Nas diferentes abordagens sobre o tema, as práticas sexuais passam a ser consideradas promotoras de saúde e de bem-estar quando não relacionadas à própria ideia de felicidade. De modo geral, este discurso tem por efeito sancionar tanto o discurso quanto os atos referentes à sexualidade. O saber sobre o sexo, revestido de cientificidade, seja na sexologia, nas demais disciplinas da área de saúde ou nas ciências humanas, teve um papel decisivo para aceitação de novos padrões referentes à

sexualidade. Sua disseminação em forma de discurso a partir daqueles que eram reconhecidos como detentores do conhecimento, cria condições para a aceitação, por parte das populações, do falar sobre o sexo como algo normal.

Uma vez mais, no entanto, isso não era suficiente. O saber técnico-científico, oferecido como parâmetro do que é normal e aceitável com relação à sexualidade necessitava ser confrontado com um outro tipo de discurso, aquele das pessoas comuns, referido às próprias experiências sexuais. Somente desta confrontação entre o vivido no plano da sexualidade pelas populações e o reconhecido como normal e saudável sobre o tema é que o ciclo da normalização flexível do sexo se completa. Criam-se, assim, pela comparação continuada entre o vivido das experiências sexuais e os novos parâmetros de normalidade as condições para a adequação normalizadora. Enfim, era necessário que os sujeitos confessassem suas experiências no plano da sexualidade e Foucault reconhece isso ao descrever os procedimentos dos profissionais envolvidos no processo. “Eles dizem mais ou menos o seguinte ‘Vocês têm uma sexualidade, esta sexualidade está ao mesmo tempo frustrada e muda, proibições hipócritas a reprimem. Então venha a nós, digam e mostrem tudo isso a nós, revelem seus infelizes segredos a nós’”. (Foucault, 1996, p. 232).

A normalização flexível da sexualidade, sancionadora de práticas sexuais até então reprimidas, é um acontecimento que marca decisivamente a contemporaneidade. Suas vertentes mais visíveis aqui mencionadas, a saber, a incitação ao sexo, a produção de um saber-poder sobre o mesmo e também a adoção, em escala social, de um discurso confessional sobre o vivido não esgotam este acontecimento. Há, ao menos, um aspecto mais a ser considerado. A normalização incidente sobre a sexualidade descola-se dos agentes reconhecidos do saber-poder, ou seja, dos especialistas e passa a frequentar a vida cotidiana na sua infinidade de relações sociais.

Assim, os poderes vigentes sobre a sexualidade ampliam seu raio de ação acrescentando outros agentes que exercem, no dia-a-dia, as funções normalizadoras características dos poderes. Foucault considera “Não entendo, portanto, o poder no sentido do governo, no sentido do Estado. Digo: entre diferentes pessoas, em uma família, em uma universidade, em um quartel, em um hospital, em uma consulta médica se estabelecem

relações de poder” (Foucault, 2004, p. 73). A normalização sancionadora da sexualidade deixa de ser uma função exercida somente pelos detentores dos poderes associados à posse do conhecimento instituído para se disseminar, por fim, nos diferentes contextos da vida em sociedade.

Percurso Metodológico

Com o intuito de analisar a participação dos meios de comunicação sobre a produção da subjetividade na sociedade contemporânea, assim como o delineamento do que é considerado por tais meios como aceitável e normal no plano da sexualidade, foram examinadas três revistas femininas de circulação nacional: Nova, Máxima e Cláudia.

O critério para a escolha destas publicações foi a frequência com que a temática da sexualidade ganha nas mesmas. Além disso, tomou-se em consideração o fato destas publicações manterem sessão de cartas e de aconselhamento erótico e amoroso, o que revela que a publicação é considerada relevante por seus leitores no que diz respeito ao tema.

Primeiramente, foram realizadas leituras livres deste material e, posteriormente, foram selecionados depoimentos que tratavam da temática da sexualidade. De imediato, notou-se nos referidos veículos midiáticos um forte apelo erótico e a incitação ao sexo, que se caracterizam como forma de gerenciamento da sexualidade tal como proposto por Foucault. Entendemos por gerenciamento justamente a proposição de um conjunto de normas e procedimentos considerados “adequados” para a vivência da sexualidade e que substitui as formas repressoras de abordagem deste domínio da vida.

Assim, Foucault assinala existência de uma normalização continuada que incide sobre a vida amorosa de todos e que, em larga medida, foi encontrada nos documentos de domínio público (as revistas) selecionados e analisados no decorrer deste estudo. Em seguida, apresentaremos parte do material selecionado.

Resultados e Discussão

Encontramos nas revistas femininas selecionadas e analisadas a exposição sistemática de inúmeros motivos para colocar o sexo em prática nas mais diferentes situações e contextos.

A sexualidade nestas publicações comparece como detentora da capacidade de influenciar os mais variados aspectos da vida. O sexo passa a ser promotor de saúde sendo que, para esta constatação, as matérias veiculam discurso científico, voltado para a comprovação o que evidencia o exercício de um saber-poder. Vejamos: “Estima-se que relações sexuais de qualidade diminuem em até 30% o risco de infarto e de desenvolver doenças vasculares cerebrais, como derrame” (Farias, Máxima, julho de 2010, p.58).

Em outra publicação vemos claramente a reprodução do padrão discursivo construído com o discurso científico e mais uma vez o efeito se aproxima de uma incitação ao exercício da sexualidade: “cientistas australianos descobriram que a abstenção sexual resulta em espermatozoides de má qualidade. Ou seja, ficar sem transar pode fazer com que o homem sofra problemas de fertilidade” (Magarian, Nova, março de 2008, p.50).

Como indicador da incitação normalizadora da sexualidade encontramos também o uso da sexualidade correlacionado com a qualidade de vida. Mais uma vez as instituições científicas do saber-poder se colocam como promotoras de uma normalização da sexualidade “Há dez anos a Organização Mundial de Saúde incluiu o sexo entre os pré-requisitos para a qualidade de vida, tão importante quanto praticar exercícios e se alimentar bem.” (Freitas, Máxima, julho de 2010, p.58).

Outro aspecto da vida das pessoas em que o sexo é apresentado como tendo papel fundamental é na manutenção do relacionamento amoroso. Uma matéria da mesma publicação aponta os segredos de casais que mantém seus casamentos felizes há mais de vinte anos:

Não feche as portas para maneiras inovadoras de mostrar o que deseja. Ousar, e até cometer algumas loucurinhas entre quatro paredes, desperta a vontade do parceiro, estimula a produção de hormônios que geram excitação e deixa o relacionamento mais íntimo (Duarte, Máxima, março de 2011, p.65).

Os enunciados aparentemente incitam a liberação sexual feminina, entretanto camufla um direcionamento, uma vez que as matérias sobre sexo parecem não ser direcionadas a mulheres solteiras, tratando-se sempre de mulheres casadas que possuem um relacionamento estável e monogâmico.

A prática sexual frequente ganha também a dimensão preventiva contra uma possível ruptura nos relacionamentos através da chamada traição conjugal “Transar *muuuuuuito* oxigena o relacionamento, facilita a compreensão mútua, aumenta a intimidade e deixa o caminho livre para o diálogo. Casos conjugais? É menor o risco de ocorrerem” (Freitas, Máxima, julho de 2010, p.59). Identificamos assim uma série de motivos que extrapolam em muito a utilização da sexualidade para a obtenção de prazer e que só podem ser compreendidas admitindo-se uma normalização em curso.

Numa edição já citada da mesma revista, o sexo é citado como procedimento preventivo contra traições: “Saber que é possível ficar apaixonado por toda a vida muda a percepção das pessoas, que aumentam as suas expectativas relativas ao relacionamento e ficam menos propensas a buscar parceiros fora do casamento” (Duarte. Máxima, março de 2011, p.65).

Ao examinarmos as matérias das revistas identificamos até mesmo um certo grau de exigência sobre as leitoras, que evidencia, na publicação, a necessidade de se manter relações sexuais, sejam quais forem as situações e as adversidades da vida. O sexo deixa de ser facultativo e torna-se uma obrigação: “todas as pessoas têm quatro apetites básicos, que são trabalhar, comer, transar e dormir. Eles devem ser saciados para que a gente se mantenha bem e equilibrada” (Serpa, Máxima, novembro de 2010, p.73). Tal fragmento discursivo coloca em relevo o fato de que toda normalização se apoia em um plano moral. O uso da palavra “devem” demonstra este fato.

De modo complementar, uma normalização que determina que a prática sexual precisa ser mantida a qualquer custo vai, necessariamente, se contrapor as situações que podem se apresentar como adversas para que a regra seja cumprida. Assim, o nascimento de um filho, a gravidez ou ainda circunstâncias como desemprego ou ainda doença não devem ser empecilho para manter relações sexuais:

Por causa do cansaço, dores, oscilação hormonal, excesso de peso, aleitamento, a maioria das grávidas e das mães de recém-nascidos não quer saber de sexo. Mais: o nascimento do bebê implica novos papéis sociais, de pais. O casal tem de aprender a harmonizar as novas funções com as de marido e mulher. (Serpa, Máxima, novembro de 2010, p.72).

Também com a revista Cláudia este posicionamento se mantém, o que nos permite identificar padrões recorrentes no discurso normalizador da sexualidade:

Para muitos casais, é difícil retomar a vida sexual depois da chegada do bebê. Envolvidos com os cuidados e os ajustes aos novos papéis, eles perdem a energia ou o interesse em transar. A criança ocupa o tempo dos pais de primeira viagem – mas não precisa (nem deve) ocupar a cama de casal a noite inteira. (Bonumá. Cláudia, fevereiro de 2003, p.112).

Utilizando recursos que agora exibem um nível de cientificidade discutível, a prática sexual frequente é apresentada como capaz de produzir efeitos, sempre positivos, sobre aspectos bastante distanciados da sexualidade, tais como a inserção no mundo do trabalho:

O melhor é que a pessoa desempregada use uma parte do tempo para fazer algo de que realmente goste, como um curso ou atividades que valorizem seu potencial e a façam sentir-se útil... Mudar o foco vai reduzir o nível de ansiedade, o que despertará a libido e também dará mais ânimo para encontrar um novo emprego. (Serpa. Máxima, novembro de 2010, p.74).

Nem mesmo a doença, reconhecida como impeditivo para muitas atividades do cotidiano, inclusive para o trabalho, pode ser um obstáculo à observância das normas que incidem sobre a sexualidade contemporânea: “Não se pode pensar que a vida sexual acabou por causa de um diagnóstico ruim... No caso da doença ou tratamento estar afetando um dos cônjuges e impedindo a penetração, vale lembrar que há outras maneiras de se relacionar afetivamente.” (Serpa. Máxima, novembro de 2010, p.74).

As revistas oferecem inúmeras e sugestões de especialistas no assunto para a obtenção de prazer e o alcance de um bom desempenho sexual, ou seja, uma frequência máxima nas práticas. Há uma gama de produtos de sex shop que podem auxiliar na obtenção dessa frequência, assim como há o relato das experiências de muitas mulheres satisfeitas com suas vidas sexuais que podem servir de objeto de comparação. Diante de tantas ofertas e estímulos há por fim o estreitamento da possibilidade de abster-se de sexo, ou seja, de contrapor-se a normalização que incita ao sexo:

Você vai ter um orgasmo hoje. Pílula do desejo, oito posições (em cartas para recortar e levar na bolsa), um passo-a-passo que termina com o triorgasmo, o truque da língua, a técnica da respiração. E mais: o Dr. Ian Kerner, famoso Ph.D. em sexologia, dá nova aula

para seu namorado achar o ponto-chave que vai leva-la ao nirvana. Seja para aumentar o seu prazer, seja para alcançar o primeiro orgasmo, é só ler as próximas páginas que você vai chegar lá. (Magarian. Nova, outubro de 2008, p.160).

Como apontado anteriormente, a aceitação por parte da população em confessar suas experiências sexuais proporcionou parâmetros para a definição do que é normal, assim como possibilitou maior vigilância e controle sobre as práticas sexuais da população que passam a tornar-se públicas. Como efeito menos visível deste processo, podemos perceber nas revistas a incitação a um consumo relacionado à sexualidade, em especial no seguinte fragmento: “Aproveitei a onda das maxibolsas e enchi a minha de géis sensuais e afins. Assim que cheguei à casa dele, ordenei fazermos uma transformação na nossa rotina com eles”. (Fortes. Nova, junho de 2008, p.147).

Considerações Finais

Chegando ao final deste estudo, cabe ainda dizer que, segundo Foucault, a incitação possui um papel significativo na produção discursos considerados verdadeiros e da subjetivação. As revistas femininas passaram a ser um meio onde as mulheres puderam revelar seus segredos e sua intimidade e, a partir daí compará-los com os novos parâmetros da normalização flexível produtora de saberes sobre o sexo. Estes saberes colocados em circulação, revestidos ou não de cientificidade resultam na produção de um padrão que, mesmo tendo alguma flexibilidade torna-se prescritivo quanto ao exercício da sexualidade. A prescrição aqui se confronta com uma dimensão da própria sexualidade que é, como foi dito, seu caráter facultativo, ou seja, que tem seu exercício condicionado ao desejo, podendo então acontecer ou não.

A normalização da sexualidade contemporânea pode ser reconhecida numa ampla gama de publicações voltada para diferentes públicos. Ela se inscreve nos processos de subjetivação que estão em curso na contemporaneidade e nem sempre é identificada como tal. A normalização flexível, que tem como ênfase a incitação à sexualidade corresponde a uma estratégia de gerenciamento da vida das populações que substitui gradativamente as práticas repressivas voltadas para sexualidade.

O discurso científico é muitas vezes utilizado como ponto de apoio para o exercício da normalização, o que cria condições cada vez mais favoráveis para uma aceitação dos procedimentos sexuais que são incitados nos meios de comunicação. Cabe compreender, em estudos futuros, quais são as implicações deste processo bem como o papel estratégico que o mesmo cumpre na produção de uma subjetividade capitalística que está inscrita na manutenção da ordem social vigente.

Referências

- Bonumá, T. (2003). Sexo papai-e-mamãe. *Cláudia*. São Paulo: Editora Abril, edição 497, fevereiro.
- Duarte, A. (2011). Paixão eterna. *Máxima*. São Paulo: Editora Abril, edição 10, março.
- Foucault, M. (1996). *Microfísica do Poder*. Tradução e organização de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Ed. Graal.
- Foucault, M. (1998). *História da Sexualidade II: O uso dos prazeres*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- Foucault, M. (2004). *Ditos e escritos IV: Ética, sexualidade, política*. Tradução de Eliza Monteiro e Inês Autran Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Freitas, R. F. (2010). Doze razões para transar muito... E melhor! *Máxima*, São Paulo: Editora Abril, edição 2, julho.
- Magarian, D. S. (2008). *Nova*. São Paulo: Editora Abril, edição 414, março.
- Serpa, S. (2010). Por aqui para o melhor sexo... Sempre! *Máxima*. São Paulo: Editora Abril, edição 6, novembro.